

PREFÁCIO

Paratradução do Holocausto frente à fenomenologia mutante do nazismo

José Yuste Frías¹
Universidade de Vigo²

Para celebrar o aniversário de seu centro educacional, adolescentes do Instituto Kuang Fu, na cidade de Hsinchu (Taiwan), desfilaram em dezembro de 2016 usando uniformes nazistas. Um tanque de papelão, conduzido por um estudante fantasiado de Hitler e fazendo a saudação com o braço erguido, liderava o desfile, no qual se agitavam bandeiras com a cruz gamada ou suástica. No vídeo do desfile publicado no YouTube³, é possível ver todos os estudantes sorrindo, cantando e dançando. Esse “incidente”, que soa anômalo para o Ocidente, não é algo único ou esporádico no Oriente. Ao que tudo indica, o uniforme nazista tornou-se um símbolo utilizado para expressar inconformismo, aparentemente desprovido de qualquer conteúdo ideológico. Trata-se do que poderíamos chamar de um renascimento da estética “Nazi-chic” no novo milênio. De fato, em um show no

¹ ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-2102-3901>; E-mail: jyuste@uvigo.es; Página profissional, docente e de pesquisa: <https://www.joseyustefrias.com/>

² IP do Grupo de investigação Traducción & Paratraducción (T&P)

³ <https://www.youtube.com/watch?v=yGMwkFVuEDk>

Japão, o grupo Keyakizaka46 causou polêmica em 2016 ao usar capas pretas e quepes muito semelhantes aos das SS. Mas não são os únicos: muitos outros grupos musicais asiáticos aderiram à moda do revival vintage do estilo “Nazi-chic”.



@KEYAKIZAKA46

Nazi chic é um termo utilizado há anos (Kidd, 2011) para descrever o uso de imagens, estilos e elementos de temática nazista em criações e recriações da cultura popular, incluindo a moda. As peças e acessórios associados ao “nazismo fashion” chegam, por vezes, a reproduzir fielmente uniformes nazistas, chapéus, botas, cintos e até insígnias, ou seja, os distintivos, símbolos e outros artigos oficiais que representavam o Partido Nazista. Um dos grupos sociais mais visuais a adotar esse estilo na cultura popular foi a cena punk rock britânica durante a década de 1970. O vocalista da banda Sex Pistols, John Lydon (também conhecido como Johnny Rotten), causava escândalo ao aparecer em programas de televisão fazendo a saudação nazista ou vestindo camisetas com a cruz gamada (suástica) estampada. Junto à suástica, a estética punk também mobilizava cruzeiros invertidas, imagens de Karl Marx e citações de Buenaventura Durruti. Os adeptos do punk usavam

roupas e acessórios, como joias e braceletes, decorados com símbolos nazistas, dedicando especial atenção à representação clara e ostensiva da suástica, tal como foi apropriada culturalmente e reinterpretada ideologicamente pelo regime nazista.

Um tradutor de textos com imagens deve sempre demonstrar competência para ler, interpretar e paratraduzir os elementos icônicos que acompanham, envolvem, prolongam, apresentam e introduzem o texto que precisa ser traduzido. Infelizmente, o declínio simbólico da Europa (Yuste Frías, 2011) não proporciona um ambiente propício ao ensino da paratradução dos símbolos presentes nessas imagens. A suástica é um exemplo emblemático de más interpretações, leituras enviesadas e, consequentemente, paratraduções desastrosas. No universo das figuras cruciformes, a espiral tem como correspondente a suástica, um dos símbolos mais amplamente adotados como emblema principal por inúmeras civilizações, pelo menos desde o Neolítico, em muitas culturas indo-europeias e religiões orientais, como o hinduísmo e o budismo⁴, por exemplo. Entre os budistas, ela simboliza sorte e bons presságios; já no contexto da arte românica medieval, a suástica, girando à esquerda como espiral levógira, chamada sauwástica⁵, era associada a intenções apotropaicas. Trata-se, portanto, de um dos símbolos mais antigos e difundidos do mundo. Pode ser encontrado na Ásia, na América Central, em regiões como Mongólia, Índia e Europa do Norte. Durante a Idade Média, representações de Cristo na arte românica eram frequentemente concebidas ao redor de espirais ou suásticas.

⁴ No budismo japonês, o manji é um símbolo de paz e boa sorte.

⁵ Ao contrário da suástica destrógira, também chamada de suástica (卐) — ou seja, que gira no sentido horário (no sentido dos ponteiros do relógio) —, a suástica levógira ou sauwástica (卍) gira no sentido anti-horário, ou seja, no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio, com o braço superior apontando para a esquerda.

Quelle qu'en soit sa complexité symbolique, le svastika, par son graphisme même, indique manifestement un mouvement de rotation autour du centre immobile, qui peut être le **moi**, ou le **pôle**. Il est donc symbole d'action, de manifestation, de cycle et régénération perpétuelle. C'est en ce sens qu'*il a souvent accompagné l'image des sauveurs de l'humanité* : le Christ, des catacombes à l'Occident médiéval et au nestorianisme des steppes [...] (Chevalier & Gheerbrant, 1982 : 912. O negrito é dos autores e o itálico é nosso.)

Os teóricos nazistas do nacionalsocialismo consideravam Hitler como o “salvador da humanidade”, mais precisamente, de uma humanidade muito específica, ao associarem o uso da suástica às suas teses racistas, xenófobas e genocidas, com o objetivo final de reafirmar a ascendência cultural do povo alemão pertencente à chamada “raça ariana”. Os nazistas acreditavam que os primeiros arianos da Índia, de cujas tradições védicas surgiu a suástica que eles incorporaram à sua simbologia, foram o protótipo dos invasores da raça branca. Daí para uma apropriação cultural e uma interpretação ideológica do símbolo da suástica como emblema da supremacia branca foi apenas um passo. Encontram-se com frequência duas versões dessa apropriação nazista da suástica: a suástica levógira (sauwástica) e a suástica destrógira (suástica). Embora os nazistas aparentemente não tenham feito distinções simbólicas entre essas duas variantes, a última foi, de longe, a mais utilizada durante toda a Segunda Guerra Mundial.

Mas é sobretudo na Tailândia que se atinge o paroxismo da estupidez humana mais absoluta, devido, por um lado, à ignorância

abissal na leitura, interpretação e paratradução dos símbolos e, por outro, à total ausência de uma tradução da Memória Histórica. De fato, é comum encontrar em centros comerciais roupas e outros artigos como camisetas estampadas com símbolos e imagens do Terceiro Reich, e até mesmo do próprio Hitler. O personagem Ronald McDonald, por exemplo, aparece travestido e reinterpretado como “MacHitler” no estabelecimento Seven Star, administrado por um tal Hut, localizado em um shopping de luxo em Bangkok. Lá, o proprietário vende caricaturas populares de Adolf Hitler estampadas em camisetas, jaquetas e porta-cigarros. Na fotografia realizada por Tibor Krausz (Krausz, 2012), pode-se ver uma jovem posando para seu namorado ao lado do manequim “MacHitler”.



© Tibor Krausz

Hoje em dia, diante da total ausência de tradução da Memória Histórica e, sobretudo, da falta de uma paratradução correta dos símbolos, graças à internet, tudo se torna possível, até mesmo que o gesto realizado pelo “humorista” francês Dieudonné pela primeira vez em 2005, em um espetáculo intitulado 1905, se converta em emblema e símbolo antissemita ao redor do mundo. Refiro-me, evidentemente, ao famoso gesto da quenelle, que consiste em apoiar uma das mãos sobre o ombro oposto enquanto o outro braço permanece estendido para baixo. O gesto da quenelle tornou-se um fenômeno midiático global quando, em 2013, foi utilizado pelo jogador de basquete Tony Parker e pelo futebolista Nicolas Anelka. Foi com esse gesto que Dieudonné posou no cartaz das eleições europeias de 2009, ao lado do ideólogo de extrema-direita Alain Soral. Na coletiva de imprensa que concedeu na ocasião, chegou a afirmar que se candidatava às eleições europeias para “glisser une petite quenelle dans le fond du fion du sionisme”.

A quenelle já não é mais a quenelle (especialidade gastronômica francesa, típica da região de Lyon, de forma ovalada ou cilíndrica, feita com uma massa de sêmola de trigo ou farinha misturada com manteiga, ovos e leite ou água, à qual se adiciona carne desfiada de peixe, vitela, ave ou tutano). A quenelle, agora, nada mais é do que a saudação nazista invertida, convertida em representação visual de um fist-fucking, ou seja, introduzir o punho no reto, algo muito mais “profundo” do que um simples gesto obsceno com o dedo médio... um verdadeiro bras d’honneur do “nazi chic” francês contra os judeus. Eis aí uma mutação do fenômeno nazista digna de nota!



Cartel electoral de 2009

O fenômeno nazista parece estar mais vivo do que nunca neste novo milênio, graças a uma espécie de “convergência cultural” em que tudo vale: desde a falta de respeito ao Outro até a mais ousada ignorância abissal do Um. Essa convergência cultural é fomentada pela globalização das indústrias culturais, cujas produções simbólicas se internacionalizam com um único clique, graças à (r)evolução digital. Ao preconizar a vivência do instante, ao estimular e intensificar a felicidade efêmera das sensações momentâneas, a internet e as redes sociais dificultam enormemente a reflexão crítica, tranquila e ponderada sobre quais têm sido as leituras, interpretações e paratraduções dos símbolos do nazismo desde os anos 1930 até os dias de hoje, não apenas no

continente europeu, mas também no americano, passando pelos continentes africano e asiático. Continentes em que os traumas coletivos caminharam lado a lado com ditaduras civis e militares.

Redes sociais como TikTok, Instagram ou Twitter somam-se a outros mecanismos mais conhecidos, como exposições, filmes e histórias em quadrinhos, para analisar a forma como um tema socialmente vivo como o Holocausto vem sendo representado na atualidade. O risco inerente à transmissão da memória da dor e do sofrimento que levou milhões de judeus e outros grupos a Auschwitz é um dos elementos que resultaram numa sacralização permanente da relação entre forma e conteúdo. Nesse sentido, a noção de paratradução constitui uma ferramenta fundamental para compreender como se comportam os elementos que envolvem a representação do Holocausto na construção dessa memória.

O leitor tem em mãos um livro que explora a relação entre historiografia, quadrinhos e genocídios, utilizando como fio condutor a figura simbólica do personagem Magneto, sobrevivente do Holocausto e antagonista dos X-Men. Por meio da obra *O Testamento de Magneto* e de sua relação com outros meios de comunicação audiovisuais, nos quais a história do Holocausto é representada sempre de forma simbólica, Karl Schurster e Óscar Ferreiro Vázquez, de maneira magistralmente ilustrada, apresentam, com base na noção de paratradução criada em Vigo (Yuste Frías, 2022) e à sombra do Holocausto, como os paratextos onipresentes na cultura pop, tanto impressa quanto audiovisual, aqui exemplificados pela história dos X-Men, atuam como uma narrativa transmídia ideal para a transgressão que o quadrinho sempre perseguiu, desde os tempos em que era considerado paraliteratura e não literatura. O aspecto kitsch dos paratextos icônicos (as imagens), como forma “livre” de representação do passado traumático, acaba por “normalizá-lo” numa estética ora

pretensiosa, ora aparentemente antiquada ou de mau gosto, mas que não cessa de questionar continuamente a ética, a moral e as formas “adequadas” de narrar o passado dos traumas coletivos.

Este livro notável demonstra a força metodológica da noção de paratradução na tarefa de “dessacralizar” objetos de estudo já consolidados como o Holocausto, quando aplicada corretamente em seus três níveis metodológicos: o nível empírico (paratradutivo), o nível sociológico (protradutivo) e o nível discursivo (metatradutivo).

Referências

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain (1982) *Dictionnaire des symboles. Mythes, rêves, coutumes, gestes, forms, figures, couleurs, nombres*, Paris: Rober Laffont.

KIDD, Laura K. (2011): Goose-Stepping Fashion: Nazi Inspiration, *Paideusis - Journal for Interdisciplinary and Cross-Cultural Studies*, Volume 5: 1-29. Disponible en red y consultado el 13 de mayo de 2023: http://smu-facweb.smu.ca/~paideusis/volume5/F_v5_LauraKKidd.pdf

KRAUSZ, Tibor (2012): Heil McHitler! *Blog de Tibor Krausz. Journalist & Writer CNN*. Disponible en red y consultado el 13 de mayo de 2023: <http://tiborkrausz.com/html/features/Heil%20McHitler!.html>

YUSTE FRÍAS, José (2011) «Desvelando miradas 5: el declive simbólico de Europa», *Blog de Yuste. On y sème à tout vent. Blog de investigación T&P*, Vigo: T&P_UVigo, [en red], entrada del 12/05/2011: <https://www.joseyustefrias.com/2011/05/12/desvelando-miradas-5-el-declive-simbolico-de-europa/>

YUSTE FRÍAS, José, SCHURSTER, Karl, GARRIDO VILARIÑO, Xoán Manuel et FERREIRO VÁZQUEZ, Óscar (2017): *Seminario para traducir la Memoria Histórica. Traducción y paratraducción de la fenomenología*

mutante del nazismo, Vigo : T&P-UVigo TV-Campus do Mar. Disponible en red y consultado el 13 de mayo de 2023: <https://tv.campusdomar.es/series/591226421f56a832689c01aa>

YUSTE FRÍAS, José (2022): «Teoría de la paratraducción». En José Yuste Frías y Xoán Manuel Garrido Vilarinho [eds.] *Traducción & Paratraducción I. Líneas de investigación*. Berlín: Peter Lang, col. Studien zur romanischen Sprachwissenschaft und interkulturellen Kommunikation («Estudios sobre lenguas románicas y comunicación intercultural»), dirigida por Gerd Wotjak, vol. 142, pp. 29-64. Disponible en red: https://www.joseyustefrias.com/wp-content/uploads/2022/05/YUSTE-FRIAS-Jose_TyP01_2022_Teoria-de-la-paratraduccion.pdf